

## AS POTENCIALIDADES DA CRIANÇA AUTISTA

Andressa Szved<sup>1</sup> (UniSecal)

Caroline Gonçalves Prado Balado<sup>2</sup> (UniSecal)

Patrícia do Pilar<sup>3</sup> (UniSecal)

Adriana Aparecida Antoniacomi<sup>4</sup> Orientadora (UniSecal)

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a efetivação da Educação Inclusiva não apenas como matrícula do aluno com necessidades especiais em escola ou turma regular como um espaço de convivência para desenvolver apenas sua socialização. A inclusão escolar abrange a todos os alunos, e só é significativa se proporcionar o ingresso e permanência com aproveitamento acadêmico. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o papel do professor frente à criança com TEA e investigar o uso de estratégias educativas como meio facilitador de aprendizagem e da percepção de potencialidades. O estudo reflete o olhar de alguns profissionais de educação que atuam em sala de aula de instituições públicas de ensino. Este estudo adotou como metodologia a pesquisa qualitativa, tendo em vista a necessidade de argumentar os resultados do estudo por meio de análises das respostas dos questionários respondidos. Dentre os autores analisados, podemos destacar Marinho e Merkle (2009), Bosa (2002), dentre outros que nos ajudaram a delinear os questionamentos acerca da temática e apontam para o processo de inclusão do aluno com TEA e percepção de suas potencialidades.

**Palavras-chave:** Inclusão. Autismo. Práticas educativas.

## POTENTIALITIES OF THE AUTISTIC CHILD

**Abstract:** : This work presents a reflection on the effectiveness of Inclusive Education not only as the enrollment of students with special needs in a regular school or class, but also as a space for coexistence to develop only their socialization. School inclusion covers all students, and is only meaningful if it provides admission and permanence with academic achievement. This research aims to analyze the teacher's role in relation to children with ASD and investigate the use of educational strategies as a means of facilitating learning and the perception of potential. The study reflects the view of some education professionals who work in the classroom of public educational institutions. This study adopted the qualitative research methodology, in view of the need to argue the study results through analysis of the responses of the questionnaires answered. Among the authors analyzed, we can highlight Marinho and Merkle

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia – andressaslobodzian@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica de Pedagogia – cgoncalvespradobalado@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica de Pedagogia – patriciapatty5@hotmail.com

(2009), Bosa (2002), among others who helped us to outline the questions about the theme and point to the process of inclusion of students with ASD and perception of their potential.

**Keywords:** Inclusion. Autism, Educational practices

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta como objetivo principal refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores do ensino fundamental, que tem estudantes com autismo matriculados em suas classes. O que nos motivou para a escolha do tema foi o fato de encontrar diferentes potencialidades nos alunos com TEA.

A educação é um tema repleto de desafios. Desempenhar a função de professor com qualidade e competência requer competências técnicas (ex. formação especializada) e pessoais (ex. desejo, flexibilidade). Um dos aspectos que justifica esse fato refere-se à inclusão escolar, que impõe às escolas a necessidade de se adaptar diante da diversidade dos alunos. Desta forma, considera-se que a inclusão escolar esteja vinculada à atenção personalizada, bem como às características individuais de cada educando, buscando criar e oferecer oportunidades que favoreçam o desenvolvimento integral de todas as crianças.

O TEA é um transtorno que tem como característica dificuldades nas habilidades sociocomunicativas (comunicação e na interação social), bem como no comportamento, considerando os padrões restritivos dos interesses ou atividades (APA, 2013). De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (APA, 2013) esses sintomas surgem no início da primeira infância e prejudicam ou limitam o funcionamento do indivíduo.

Neste contexto, a escola surge como um novo meio de estimulação para a criança com autismo, que passa a ampliar o seu contexto de interações sociais, auxiliando no seu desenvolvimento. O processo de inclusão escolar tem sido também indicado por profissionais de diversas áreas, pois estes verificaram a importância de estimular precocemente as habilidades da criança, bem como promover a interação social da mesma (Lemos et al.,2016).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O autismo também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (comunicação verbal e não

verbal) e comportamento (interesses restritos e movimentos repetitivos). Pesquisas indicam que o TEA é definido por um comportamento atípico da criança e pode ser detectado logo no início de sua vida. Leo Kanner (1940) em suas pesquisas observaram uma característica que é observada pelos pais, logo no início da vida da criança, é que a criança não mantém contato visual, nem mesmo durante a amamentação. Dependendo do grau de comprometimento acometido, a criança fica em total isolamento social, impossibilitada de interagir com outras pessoas, em alguns casos, nos graus mais severos, a criança nem fala.

De acordo com Marinho e Merkle (2009) a definição do Autismo teve início na primeira descrição dada por Leo Kanner, em 1943, no artigo intitulado: *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of disturbances of affective contact)*, na revista *Nervous Children*, n. 2, p. 217-250. Marinho e Merkle (2009, p. 6.086) relatam:

Kanner (1943) ressalta que o sintoma fundamental, “o isolamento autístico”, estava presente na criança desde o início da vida sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato. Nela, descreveu os casos de onze crianças que tinham em comum um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominando-as de “autistas”.

Hans Asperger (1944) ampliou as descrições e características antes realizadas por Kanner (1943), incluindo casos de comprometimento orgânico Asperger salientou, a dificuldade de fixar o olhar em situações sociais e destacou alguns estereótipos, e na fala com dificuldade na gramática.

Bosa (2002, p. 25) descreve que Asperger “não salientou tanto o extremo retraimento social, tal qual Kanner fizera, mas a forma ingênua e inapropriada de aproximar-se das pessoas. Notou ainda, a dificuldade dos pais em constatar comprometimentos nos três primeiros anos da vida da criança”. Embora a síndrome descrita por Asperger (1944) fosse diferente a de Kanner (1943), havia semelhança em alguns aspectos como, dificuldades no “relacionamento interpessoal e na comunicação”.

Enfim, Kanner e Asperger (1943) se utilizaram do termo autismo, Kanner chamou de distúrbio autístico do contato afetivo, e Asperger utilizou o termo, psicopatia autística. Porém mais tarde Kanner substituiu o termo distúrbio autístico para autismo infantil precoce para caracterizar a natureza do comprometimento.

Entre as dificuldades, Martins, Preussler e Zavschi (2002, p. 41) descrevem, “nas habilidades de interação social e comunicação, associadas à presença de comportamento

repetitivo e/ou restrito e interesses em atividades estereotipadas, que representam um desvio acentuado em relação ao nível de desenvolvimento”. Assim sendo, conforme os autores acima citados, o autismo compromete três áreas importantes no desenvolvimento da criança: a interação social, a comunicação e o comportamento.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno identificado na infância e que não possui cura, porém com tratamentos, pode-se melhorar a qualidade de vida da criança. De acordo com a 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais– DSM 5, os sintomas do espectro autistas começam a ser observados entre doze e vinte quatro meses de vida já pode-se notar atraso no desenvolvimento entretanto os sintomas começam a florir depois das 24 meses de vida. Vale ressaltar que a maioria dos diagnósticos são do gênero masculino.

A partir do segundo ano de vida da criança, os sintomas se manifestam de maneira mais intensa, como por exemplo, a criança possui muitos empecilhos no ato de brincar, sente muita dificuldade em brincar usando a imaginação, quando pega os brinquedos, não consegue utilizar da forma correta, não consegue se manter em pé por algum período, sempre fica caindo ao andar, apresenta muita dificuldade ao conversar, sua fala por muitas vezes é incompreensível (VIEIRA e BALDIN, 2017).

“O diagnóstico é clínico depende de uma observação mais sistemática a respeito do comportamento e desenvolvimento da criança, observação esta que deve se fundamentar em entrevistas com os pais da criança, professores e demais pessoas que a acompanham. O profissional, então, com a ajuda de outros profissionais, como psicólogos, fonoaudiólogos e 4 pedagogos precisa investigar todos os contextos da criança: histórico, social, afetivo, etc. Bem como, registrar informações sobre o parto e de todos os sinais que chamaram atenção dos pais desde seus primeiros meses de vida, sobre comportamentos da criança no meio social, escolar, lazer, seja com seus pares ou familiares” (VIEIRA e BALDIN, 2017).

A intervenção precoce define-se como um programa de acompanhamento e estímulo clínico e terapêutico conduzido por uma equipe multiprofissional, com a intenção de reduzir os efeitos neurológicos e obter melhora das capacidades cognitivas e de sociabilidade dos portadores (BRASIL, 2016). A constituição de várias especialidades que compõem a atenção multiprofissional permite aplicar um tratamento precoce, o que, por sua vez, possibilita uma

avaliação diversa quanto ao desenvolvimento da criança, o que garante uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 2015).

O terapeuta ocupacional avalia a brincadeira e a partir das suas avaliações apresenta intervenções a melhorar capacidade cognitivas e motoras da criança. Além disso a terapeuta ocupacional também atua na prevenção de quadros psíquicos que poderiam atrapalhar o desenvolvimento da criança.

Quando a criança tem um diagnóstico específico, a abordagem terapêutica pode auxiliar na comunicação e inclusão, e quando explorada precocemente, alcança resultados no desenvolvimento global da criança, maximizando suas potencialidades.

Nesse panorama multidisciplinar, a inclusão escolar objetiva inserir, sem diferenciação, crianças e adolescentes portadores de variadas deficiências sociais e cognitivas. Assim, cabe destacar que toda a proposição de Educação Inclusiva para autistas é realizada em estabelecimentos escolares regulares, reduzindo o preconceito e evitando o isolamento social, conquistando novas habilidades de interagir com seus pares (FIRMINO; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2020).

Nesse sentido, a inclusão escolar de crianças portadoras de necessidades especiais, ainda incompleta e não totalmente eficiente, caminha para a concretização de chances e alternativas preconizadas pela lei. Muitos se restringem à discussão de lacunas na lei, as quais impedem a inclusão eficaz dos alunos. Conforme a Constituição Federal, no artigo 205º (BRASIL, 1988), a educação é um direito de todos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 55º (BRASIL, 1990) estabelece que é obrigatória a matrícula das crianças na rede regular de educação. Também, cabe citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no artigo 59º (BRASIL, 1996), que estabelece aos sistemas de ensino currículos, metodologias e recursos que atendam suas necessidades.

A atuação da Terapia Ocupacional (TO), se faz importante, utilizando proposições ampliadoras do espaço intervencional, pelo uso de dispositivos que ampliam o entorno social, a autossuficiência e a maior qualidade de vida (DELLA BARBA; MINATEL, 2013). Nas escolas o terapeuta ocupacional (TO) atua facilitando e promovendo a performance ocupacional dos portadores de necessidades especiais. Esse profissional é o capacitado a compreender as necessidades de desenvolvimento da criança, sua autonomia e sua integração social. Della Barba, Minatel (2013) ressaltam que modificações no material escolar e orientações de ocasião e ambiente podem melhorar o desenvolvimento cognitivo, a consciência do corpo, a autonomia, a convivência coletiva e uma nova realidade de inclusão escolar. Cabe salientar que o TO ainda dá suporte aos educadores, colaboradores e gestores, além da própria família dos afetados.

Em crianças com (TEA) pode-se se observar a ecolalia tardia, (repetição da fala alheia algum tempo depois da emissão desta) ou imediata (repetição da fala alheia logo após sua emissão); ao invés de dizer ‘EU’ a criança diz ‘VOCÊ’ e por meio da fonoaudiologia são focadas intervenções que orientam o uso comunicativo da linguagem.

Estudiosos encontraram a melhor forma de tratamento com foco especial na linguagem, programas que se orientam sob enfoque desenvolvimentista terapia da fala da linguagem embasada sob perceptiva pragmática umas delas e Análise comportamental aplicada (ABA).

A terapia ABA tem sido o método mais utilizado em vários países, para promover a qualidade de vida das pessoas dentro do espectro, tem como objetivo alterar comportamentos disfuncionais, a intervenção baseada no ABA busca identificar comportamentos e habilidades que precisam ser melhorados, durante as sessões o profissional deve manejar os comportamentos que são importantes para o desenvolvimento da criança, por exemplo; o ato de brincar, elogiar, imitar, o profissional deve instruir a criança de forma clara e reforçar o comportamento esperado pelo tratamento; sendo assim o ABA é visto como uma coleta de dados antes, durante e depois da intervenção, com o objetivo de ajudar a criança a tomar suas próprias decisões, melhorando assim as habilidades necessárias para a mesma. (SOUSA; DIAS et. Al., 2020).

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste artigo foi a qualitativa e quantitativa, nomeada também como mista. O aspecto qualitativo, como afirma Yin (2016), possibilita o desenvolvimento de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de circunstância permitindo procurar, coletar, integrar e apresentar dados de diversas fontes de evidência. Em relação a quantitativa, Creswell (2007) afirma essa abordagem permite construir um levantamento de tendências. Desta forma, essa construção metodológica apresentou-se como o modo mais coerente por permitir “reunir dados quantitativos e qualitativos em um único estudo” (CRESWELL, 2007, p. 211).

O instrumento escolhido foi o questionário, estruturado com perguntas discursivas com o intuito de coletar informações sobre a prática pedagógica das professoras e familiares.

Quanto a participante da pesquisa, se trata de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas rede municipal de educação e familiares de alunos com TEA.

Após a coleta de dados e feita a análise e categorização foi possível evidenciar os resultados obtidos, notando as concepções, vivências e reflexões da docente em relação às práticas pedagógicas.

## 4. ANÁLISE DE DADOS

O Transtorno do Espectro autista (TEA), caracterizado por déficit de comunicação (verbal e não verbal), socialização e comportamentos repetitivos, podendo variar de leve moderado e grave, começa a ser perceptível antes dos três anos de idade, presente em sua maioria em meninos. Não possui cura porém com tratamentos adequados pode melhorar a qualidade de vida da criança.

Schawartzman (1994, p. 7) confirma estas mesmas informações:

O autismo infantil (AI) é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces e que se caracteriza, sempre, pela presença de desvios nas relações interpessoais, linguagem/comunicação, jogos e comportamento hiperatividade e movimentos repetitivos.

Em 1943, o psiquiatra infantil Leo Kanner estudou algumas crianças que apresentavam características de dificuldades nas interações sociais, boa memória, sensibilidade a estímulos, bom potencial intelectual, propensão a repetir palavras e dificuldades em realizar atividades espontâneas.

Sabe-se que todos temos nossas dificuldades, habilidades e potencialidades, na criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não é diferente. À crianças com TEA com altos níveis de inteligência, mas com grandes dificuldades de comportamentos e outras com grandes dificuldades intelectuais.

De acordo com Luciana Brites e Clay Brites no livro *Mentes únicas* (2019) ressaltam que precisa-se entender que o cérebro humano é uma complexa rede onde se concentra várias células neuronais, na qual é centralizada atividades do nosso cotidiano. Através dos neurônios, pensamos, agimos, raciocinamos, por tanto passa a funcionar corretamente.

Na do autista encontra-se desorganizada, não conseguindo processar direito as informações, podendo demorar para realizar as tarefas, ou pode agiliza-los de mais.

Os autores comentam também no livro *Mentes únicas* (2019) o método ABA (Análise Aplicada do Comportamento, ou (APPLIEDBEHAVIOURALANALYSIS), em inglês, que é um dos modelos de terapia **mais popular no tratamento do autismo que envolve técnicas de compressão e mudança de comportamento, com essa terapia, apoio da escola e da família**

**o indivíduo diagnosticado com autismo ou outros transtornos** podem se tornar independente.

Diante da grande demanda de crianças com TEA frequentando a educação regular na atualidade as escolas vêm lidando com questões de inclusão e formação continuada dos professores, salas de recursos multifuncionais possibilitando assim o acesso reflexões de teórico-prático a fim de atender essas crianças.

Tomando com a base o estudo das Potencialidades das crianças do Espectro Autista, foi realizado uma análise através de um questionário entregue para algumas professoras de Escolas da rede Municipal da cidade de Ponta Grossa Paraná e a família de alguns alunos, a fim de coletar informações sobre as potencialidades de cada aluno e como elas são estimuladas por pais e professores.

Dessa forma, a metodologia adotada para coleta de dados foi um estudo de caso realizado com quatro alunos, na qual foram realizadas pesquisas bibliográficas, observação e uma pesquisa de campo envolvendo cinco professoras. Os dados foram interpretados utilizando a análise qualitativa, pois posicionamentos não podem ser quantificados. Os dados coletados revelaram que o autismo ainda é pouco estudado e trabalhado, mostra ainda como é a vida de um autista dentro e fora da escola, seus comportamentos e desenvolvimentos e os círculos afetivos, escolares e familiares, como ocorrem e qual a posição da família perante a deficiência.

A partir da pesquisa realizada com a professora (A) da escola (X) ela relata de maneira sucinta que está na profissão a doze anos e essa é a sua primeira experiência com um aluno autista, ela também conta que percebeu potencialidades em todas as crianças em que já trabalhou sendo essas típicas ou atípicas. Ela nos relata que não sente dificuldades com o aluno, pois ele consegue acompanhar o nível de aprendizagem da turma com a ajuda da auxiliar de inclusão que está com o aluno apenas meio período pois a escola é integral.

A Professora apesar de estar a pouco tempo com a turma do aluno em questão pode relatar a sua relação com a família do mesmo, através de informações que obteve com a equipe gestora, onde sabe-se que os pais são bem participativos e presente na educação do filho.

Em seguida relata a inclusão presente na sala de aula, que apesar de estar a pouco tempo com a turma pode perceber a colaboração que tem uns com os outros, aceitando muito bem o aluno, a maioria deles estão juntos de do primeiro ano do ensino fundamental, onde agora estão no terceiro. Com isso sabe-se que a escola é um lugar onde as crianças se desenvolve interagindo com outros sujeitos que não são do seu meio familiar, Vasques; Baptista, (2003, p.9) diz:



[...] mais que um exercício de cidadania, ir à escola, para as crianças com psicose infantil e Autismo poderá ter valor constitutivo, onde, a partir da inserção escolar seja possível uma retomada e reordenação da estrutura psíquica do sujeito.

A Professora relata que para estimular as habilidades do aluno, ela usa alguns recursos didáticos, como: vídeos, material dourado, ábaco, peças de encaixe e livros de história.

Em seguida os pais do aluno (A) contribuiu com suas informações relatando que além do aluno (A) eles também possuem uma filha mais nova. Quem além do aluno ter matérias disponíveis na sala de aula, eles também disponibilizam matérias em casa, como: Livros, cadernos, lápis de cor, brinquedos educativos que possam estimular a coordenação motora dele. Em seu momento de lazer o aluno (A) assiste TV, anda de bicicleta e patinete, e brinca com sua irmã. Os pais relatam que notaram que o filho tinha com prestamentos diferenciados a partir dos três anos de idade.

Para reforçar suas potencialidades os pais o incentivam muito em tudo o que ele faz, comemoram cada conquista sendo ela pequena ou grande, a fim de incentiva-lo cada dia mais.

Com isso os pais relatam também que além do aluno participar do atendimento na sala de recursos multifuncional (SRM) ele também tem acompanhamento de Neurologista, faz terapia ocupacional e Musicoterapia.

O atendimento de crianças com autismo ocorre a partir da construção de uma relação primordial com o terapeuta. É importante que a criança possa fazer-se ouvir, fazer-se ver, para que, então, possam ser realizadas as construções que deveriam ter acontecido nos primeiros anos de vida (Sielski & Cardoso, 2004).

Com tudo, relata a inclusão do filho junto à escola, que a família e a professora estão sempre conversando. Eles cometam que o aluno (A) se adaptou muito bem a sala de aula, pois a escola está sempre os apoiando contribuindo na evolução do filho.

A partir da pesquisa realizada como o aluno (B) da escola (X), sua professora relatou que está atuando nessa profissão há 6 anos, e durante esses anos ela teve apenas um aluno com laudo, sendo esse seu primeiro contato com um aluno que possui o laudo com (TEA).

Conforme relatos da professora, o aluno recebeu laudo a pouco tempo, ela está tentando auxiliá-lo da melhor forma possível, porém o aluno não possui uma auxiliar de inclusão, todas as atividades para o aluno ficam a critério da professora, ela relatou que sempre que possível

ela realiza atividades com materiais adaptados para o aluno, porém ele não expressa suas opiniões, não aponta, não demonstra interesse no processo de aprendizagem. Ela conversou com os pais do aluno e estão iniciando um trabalhando juntos, família e escola.

Mediante a situação aqui relatada, a professora conta que para trabalhar a inclusão com as crianças em sala de aula, ela desenvolve trabalhos com a compreensão dos alunos, com o respeito, tentando sempre estimular o interesse e participação do aluno em questão.

Durante a pesquisa realizada com os pais do aluno (B), relataram que o aluno é filho único, não possui irmãos, o que não impede a interação e o convívio dele com outras crianças. Relata a mãe que o aluno brinca normalmente, que ela sempre disponibiliza quadro de giz para ele, onde ele pede para mãe faz o desenho e ele identificar o que está desenhado, disponibilizam também lego, brinquedos de encaixar, porém ele brinca com diferentes brinquedos e objetos.

Conforme relatos da mãe, em momentos de lazer o aluno gosta de brincar de correr, pega-pega, brincar com areia, pedras, e brinquedos variados. Contou que nesse ano de 2022 ela percebeu que o filho possui facilidade em conhecer os números, onde conforme relatos da mãe ele faz contagens e reconhecimento dos números até o 10, sabendo inclusive os números em inglês. Os pais sempre então incentivando e motivando o aluno a desenvolver esse interesse que o aluno possui pelos números.

Atualmente o aluno está frequentando a escola e fonoaudióloga, porém os pais estão buscando ajuda de especialistas para iniciar o tratamento específico para ele.

Em seguida, a mãe relatou que a escola até tenta realizar a inclusão com o filho dela, porém é algo superior de sistema que não supre as necessidades que a escola precisa para ter esse apoio em relação a crianças atípicas, conta a mãe que a professora de seu filho é muito boa, sempre relata o que acontece e orienta os pais a como lidar com algumas situações, porém a mãe gostaria de uma auxiliar de inclusão para desenvolver atividades específicas com seu filho.

Na próxima entrevista realizada com o aluno (C) da escola (X), sua professora relatou que está atuando nessa profissão há 10 anos, e durante esses anos ela teve apenas um aluno com laudo, sendo esse seu primeiro contato com um aluno que possui o laudo com (TEA).

Conforme relatos da professora, sua principal dificuldade com esse aluno (C) é a oralidade, o aluno não tem a oralidade desenvolvida e isso acaba dificultando o seu processo de aprendizagem. Ela relatou que está se adaptando a essa atual situação e o aluno está se esforçando para aprender a se comunicar.

Sobre isso Geraldi (1995), destaca:

A linguagem é fundamental ao desenvolvimento de toda e qualquer pessoa humana. Ela permite aos sujeitos compreender o mundo e nele agir, e desta maneira é a forma mais usual de encontros, desencontros e confrontos de posições, porque é por ela que estas posições se tornam públicas.

A professora relatou que o aluno possui uma auxiliar de inclusão, o que se faz necessário pois o aluno é muito ansioso e faz todas as atividades muito rápido, sempre precisa ter muito material disponível para ele estar utilizando.

Conforme os relatos da professora, ela conta que tem uma boa relação com os pais, eles se comunicam todos os dias via agenda para repassar sobre seu dia na escola, os pais são muito presentes na vida escolar do filho.

A inclusão do aluno na sala de aula acontece de forma gradativa, aos poucos. A professora conta que a turma é muito receptiva com o aluno, ela prepara o planejamento voltado para o autismo, relatou que foi feito atividades lúdicas, informativos para casa, atividades com os pais entre outros.

Já os recursos didáticos utilizados para a estimulação das habilidades do aluno (C) são jogos, quebra-cabeça, jogo da memória, peças de encaixe, pintura com tinta e tipos variados de pinturas, massinha de modelar, lego, alfabeto móvel, livros de recortes e livros de histórias, entre outros.

Durante a pesquisa realizada com os pais do aluno (C), relataram que o aluno tem 2 irmãos. E alguns momentos eles brincam juntos com brinquedos diversos, quebra-cabeça, livros de leitura. Nos momentos de lazer o aluno gosta de brincar com bola, correr, e jogar no celular.

A mãe do aluno relatou que como um ano e sete meses, ela percebeu que o filho não desenvolvia a fala, levou ele ao médico, porém o médico achou normal. E com quase 4 anos o aluno começou a fazer fonoaudióloga.

Conforme relatos da mãe o aluno faz acompanhamento profissional na CREP ecoterapia, psicóloga, fonoaudióloga e fisioterapia. E na escola SRM.

Em seguida, a mãe relatou que a escola ajuda bastante seu filho se sentir incluído nas atividades, ela acha isso extremamente importante para a adaptação dele no ambiente escolar. Conta a mãe que a professora é muito boa, que ela sempre relata o dia a dia na sala de aula, se teve melhoras ou algum problema. Ela diz que esse interesse que a professora a auxiliar do aluno tem com ele é maravilhoso, pois mostra o interesse para que ele melhore dia após dia, a dedicação, o carinho, as atenções são muito boas.

Em outra contribuição realizada com a professora (Y) da escola (x) ela relata que está na profissão a nove anos e que é a sua primeira vez que trabalha com aluno do infantil com laudo de autismo, mas apesar de ter dificuldades em interagir e participar das atividades propostas, apresenta um bom cognitivo, conhece as letras, cores, números e números em inglês. Relata também que o aluno contém uma boa dicção apesar de não conversar com ninguém, quando fala, as palavras saem de forma clara, de fácil entendimento, a professora também percebeu que o aluno tem uma boa memorização.

Ami Klin da Yele Chil Study Center, (2006, p. 5), ressalta que:

Não é incomum, por exemplo, que as crianças com autismo tenham grande facilidade de decifrar letras e números, às vezes precocemente (hiperlexia), mesmo que a compreensão do que lêem esteja muito prejudicada. Talvez 10% dos indivíduos com autismo exibam uma forma de habilidades “savant” – i.e. desempenho alto, às vezes prodigiosas em uma habilidade específica na presença de retardo mental leve ou moderado.

Em seguida relata das diversas dificuldades que tem com o aluno, onde não consegue obter um diálogo, necessitando ter uma atenção exclusiva com o mesmo, pois não realiza as atividades propostas sozinho e que geralmente não conclui. A professora tenta lidar com essas dificuldades dando a atenção separadamente a fim de dar uma atenção exclusiva.

A seguida a professora relata que o aluno ainda não tem auxiliar de inclusão especialmente para a criança, a apenas uma auxiliar de sala, mas muitas das vezes ela está ajudando em outras salas. A Professora relata que o aluno realiza as atividades do seu planejamento como todos os outros alunos da turma. Está disponível em sala alguns jogos onde o aluno pode pegar por estar e seu alcance. A Professora relata que existe uma boa relação dela com a família do mesmo, onde a escola e a família trabalham em conjunto em prol a criança.

A Professora (Y) comenta também que não tenta “Forçar” a aluno interagir com as outras crianças, ela deixa a criança ficar à vontade, tanto que em algumas situações o aluno por curto período chaga a brincar com as outras, ela também comenta que os demais alunos a respeitam muito.

Os recursos didáticos utilizados pelo aluno em questão são joguinhos diversos, alguns criados pela professora mesmo, a maioria envolvendo números, livros para manipulação e brinquedos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala de crianças autista as pessoas logo pensam nas limitações nas dificuldades dessas crianças, porém temos que transformar essa visão, precisamos falar mais sobre as potencialidades dessas crianças e não focar nas limitações.

As pessoas devem parar de rotular as crianças, e enxergar como ser humano capaz de aprender e desenvolver habilidades, acreditar que crianças autistas tem o potencial de chegar onde elas quiserem.

Em suma, essa teoria afirma que todos são capazes de aprender, sempre existindo possibilidades de aprendizagem desde que se criem condições para que ela se consolide. Cabe, então, aos profissionais da educação a elaboração de práticas orientadas por essa diretriz, contrapondo-se ao sistema vigente, que, na maioria das vezes, considera o sujeito diferente incapaz de aprender. (CRUZ, 2014, p.8)

Dentro da sala de aula acontece situações de crianças (TEA) com o potencial elevado, entretanto precisam de profissionais preparados treinados para ajudá-los incentivando, aprimorando, trabalhando essas habilidades para no futuro se tornar adultos produtivos.

Um aluno autista pode ter a habilidade extraordinária de estabelecer relações espaciais ou de entender conceitos numéricos, mas ser incapaz de usar estes pontos fortes por causa das limitações organizacionais e de comunicação. São necessários professores com habilidade e com experiência, em ensinar na presença destes pontos fortes e fracos tão singulares (PEETERS, 1998).

Com a nossa pesquisa pudemos perceber a falta de auxiliar de inclusão para atender esses alunos, e quando há auxiliar falta capacitação treinamento conhecimento para atender esses alunos da melhor forma, trabalhar as habilidades, incentivar aprimorar essas habilidades.

Foi possível observar uma boa relação entre família escola e professores, tem diálogo entre os pais e a professora, e isso é essencial para o desenvolvimento da criança, escola a família caminhar juntos em prol do bem maior a criança.

Ao concluir a nossas pesquisas podemos observar que a maioria das professoras citadas acima tem anos de trabalho, porém é a primeira experiencia com crianças (TEA), entretanto podemos destacar que as mesmas em conversa nos relataram que estão procurando se

especializar, fazendo pós-Graduação, cursos para melhor atender a necessidades dos seus receptivos alunos.

É fundamental pensar na escola como locus de formação docente, pois é um espaço que possibilita a construção de mudanças nas práticas pedagógicas, no currículo, no ensino e na aprendizagem dos alunos, inclusive daqueles com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e ainda abre caminhos para que o educador adicione a investigação aos seus saberes-fazer (CUNHA, 2013, p.19)

É de suma importância o profissional de educação ter uma formação continuada e assim buscar ir além das paredes da escola, procurando sempre novos conhecimentos para vencer os novos desafios.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: informação e documentação: artigos em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro: 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro: 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro: 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro: 2003.

CATELLI, Armando. **Controladoria**: uma abordagem da gestão econômica - Gecon. São Paulo: Atlas, 1999.

HENDRIKSEN, Eldon S.; VAN BREDA, Michael F. **Teoria da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999. Tradução da 5a edição americana por Antonio Z. Sanvicente.de Metodologia Científica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Eliseu. **Avaliação de Empresas: da Mensuração Contábil à Econômica**. In Caderno de Estudos, São Paulo: Fipecafi e EAC/FEA/USP, n.24, v.13, p.28-37, jul./dez. 2000.

MENDES JR, Ricardo; HEINECK, Luiz F. M. **Ensino e informação tecnológica na INTERNET**, XXIV Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia - COBENGE/96, Outubro/1996, Manaus. Disponível em: <<http://www.cesec.ufpr.br/docente/mendesjr/artigos/mendesjr96a.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Planejamento Estratégico: conceitos, metodologia, práticas**. 20. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

REIS, Dálcio R. **Gestão da Inovação Tecnológica**. Barueri, SP: Manole, 2004.

ROBBINS, Stephen P. **Administração: mudanças e perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2003.

SILVA, Edna L. MENEZES; Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2007.

STEWART, Thomas A. **A Riqueza do Conhecimento: o capital Intelectual do século XXI**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VIEIRA, LEOCILÉA A. **Projeto de pesquisa e monografia: o que é? Como se faz? Normas da ABNT**. 3. ed. Curitiba: ed. do Autor, 2004.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. Entendendo a história do autismo para entender os conceitos de hoje. Abordagens praticas a serem aplicadas no dia a dia. In: **Mentes únicas**. São Paulo: Editora Gente. p.41-133. 2019.

VIDOTO FARIA, Ana Paula. Inclusão de autistas nas aulas de Educação Física. **Possibilidades pedagógicas que podem auxiliar em suas potencialidades**, Medianeira, 2014.p.26

FREITAS S, Bruna; FERREIRA,P, Izabela; MORAIS,F,M, Vanessa; LUJÁN,L, Mônica. Diagnóstico precoce de autismo. **Uma revisão literária**. Revista, saúde multidisciplinar. 2019. Disponível em <https://fampfaculdade.com.br/wp-content/uploads/2019/12/12-DIAGNO%CC%81STICO-PRECOCE-DE-AUTISMO-UMA-REVISA%CC%83O-LITERA%CC%81RIA.pdf>. Acesso em 08 de outubro de 2022

CHAVES, Maria José. ET AL. **A CRIANÇA AUTISTA E SEUS PRIMEIROS MOMENTOS NA ESCOLARIZAÇÃO, 2014.** Disponível em:[https://editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2014/Modalidade\\_1datahora.f](https://editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2014/Modalidade_1datahora.f). Acesso em 01 de outubro de 2022.

CUNHA, PATRICK DA CUNHA. ET AL. **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: principais formas de tratamento, 2021.** Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17252/1/Transtorno>. Acesso em 01 de outubro de 2022.

STEFFEN, Bruna Freitas. **DIAGNÓSTICO PRECOCE DE AUTISMO: UMA REVISÃO LITERÁRIA, 2019.** Disponível em: <https://fampfaculdade.com.br/wp-content/uploads/2019/12/12-DIAGNO%CC%81STICO-PRECOCE-DE-AUTISMO-UMA-REVISA%CC%83O-LITERA%CC%81RIA.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2022.

BATTISTI, Aline Vasconcelo, HECK, Giomar Maria Poletto. **A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: TEORIA E PRÁTICA,2015.**Disponível:<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1251/1/BATTISTI%20e%20HECK.pdf>. Acesso em 03 de outubro de 2022.

HELENO, Ana Luiza Zotti Loyola. OLÉA, Camila das Neves. YANEZ, Daniela Alves. **TEA-TRASTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONCEITOS E INTERVENÇÕES DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO.** Disponível <https://www.unaerp.br/revista-cientifica->



[integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-4/3703-rci-espectro-autismo-07-2020/file.](#)

Acessado em 18 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Leny, D. BARBOSA, Zenilda. **DESAFIOS DO ENSINO APRENDIZAGEM DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, Dezembro, 2018. Disponível: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/desafios-do-ensino-aprendizagem-da-crianca-autista-na-educacao-infantil.pdf>. Acessado em 18 de outubro de 2022.

KLIN, Ami. **AUTISMO E SINDROME DE ASPERGER: UMA VISÃO GERAL**. Scielo Brasil, Maio, 2006. Disponível em: [SciELO - Brasil - Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral](#). Acesso em: 19, outubro 2022.

DELFRATE, Christiane de Bastos. **A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM NA CRIANÇA COM AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO**. Psicologia em Estudo, junho, 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Carol/Downloads/download%20\(2\)%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Carol/Downloads/download%20(2)%20(2).pdf). Acesso em: 19, outubro 2022.

MARQUES, Carla Fernanda, F, C. ARRUDA, Sérgio Luiz, S. **AUTISMO INFANTIL E VINCULO TERAPÊUTICO**. Março, 2007. Disponível em : [SciELO - Brasil - Autismo infantil e vínculo terapêutico Autismo infantil e vínculo terapêutico](#). Acesso em :19, outubro 2022.